

"Saga Siciliana de Traições"



" (...) Não se pode escrever sobre sicilianos sem uma explicação acerca desse povo ativo, independente, de sólidos princípios. (...) Muito se fala da Sicília. E, pouco se lembra dessa encantadora ilha ao Sul da Itália, sem que o pensamento se concentre nela como tendo sido o berço da Máfia. E de fato é. A Cosa Nostra é tida como sinônimo de maldade, de tráfico de entorpecentes, de raptos, de chantagem, de proteção a pagamentos.

Um triste corolário sim, de sequestros, roubos, corrupção e assassinatos a sangue frio. Mas de uma coisa não se pode esquecer. Ela não era assim quando surgiu. A Cosa Nostra ou a Máfia era uma espécie de filosofia de vida e tinha na honra pessoal sua razão de ser, sua essência e sua verdade.

Tinha, enfim, um pouco de tudo o que o siciliano é. Ou seja, como todo ser humano, um siciliano pode matar, roubar, chantagear, falhar, acertar, errar. Mas há coisas que ele não faz: faltar com sua palavra. Não respeitar seus princípios. Desrespeitar o ser humano.

(...) Este livro conta a história de uma família siciliana, siciliana para valer. Plena de tradições, lições de vida, honestidade e extremo respeito ao próximo.

A família desta história pagou caro pela sua forma de ser e de agir. Por não se atualizar nem se identificar com um novo mundo, pagou na Sicília e no exterior o alto preço da traição.

(...) Sua saga foi válida e motivou este livro, esta história verdadeira e forte. Não fosse assim, este relato não passaria de mais uma previsível história de uma família bem-sucedida, que fez nome e renome nacional e internacional, construiu um império e foi um dos pilares da economia na Itália.

Com esta família não foi isso o que aconteceu. Esta é uma história de gente que acerta e erra, chora e ri, vibra e sofre. E que vive do passado para que tenha condições de iluminar o futuro e todos os que dele fazem parte.

Uma família que continua viva no coração de seus compatriotas, porque representa a essência da brava alma siciliana."

da Introdução de "Saga Siciliana de Traições", de Antonio De Salvo, Tira de Letra Editora, 2007.

Este terceiro livro do autor, respeitado profissional de Comunicação e Relações públicas, será lançado com um cocktail dia 7 de novembro de 2007, às 19h30 no Circulo Italiano - São Paulo, Sala das Colunas.

Na segunda metade do século XVI, a Itália não existia como nação unificada. Seu território era dividido em uma série de minúsculos estados, a maioria dos quais se encontrava sob ocupação ou influência do reino da Espanha, que era, naquela época, a maior superpotência do planeta.

Um dos poucos estados italianos que conseguiu conservar sua independência nesse período foi o Grão-Ducado da Toscana, graças à habilidade política e econômica dos Medici. Esta família de poderosos banqueiros já governava a Toscana, salvo pequenas interrupções, havia um século e meio, e continuaria ainda no poder por mais 150 anos.

Os Medici haviam feito da capital do Grão-Ducado, Florença, uma das mais belas e importantes cidades da Europa. (...)

Com a mesma intensidade com que amava Florença, a dinastia Medici amava as artes. Ferdinando de' Medici (1549-1609), que se tornou Grão-Duque em 1587, não poupou esforços para embelezar ainda mais a cidade, que ele chamava de "a minha dama", promovendo obras de luxo sem se esquecer, entretanto, das edificações populares.

(...) Ferdinando tinha uma paixão desmedida pela música. Por mais que trabalhasse, jamais perdia um concerto e foi grande incentivador das manifestações musicais.

A nobreza florentina imitava seus senhores. (...) É nesse momento histórico que irá surgir a ópera.

OS ESPETÁCULOS DA MODA

Durante aqueles anos que precederam o surgimento da ópera, os aristocratas mandavam encenar em seus palácios vários tipos de espetáculos suntuosos. Não havia comemoração em Florença que não servisse de pretexto a uma encenação. Noivados e casamentos da nobreza eram assinalados com grandes festividades, em meio às quais sempre se encaixavam uma ou mais dessas obras especialmente encomendadas para a ocasião, nas quais se misturavam poesia, teatro e música.

Não eram operas, mas foram seus antepassados. Além do *Balletto*, inicialmente concebido como uma sequência solta de números de dança que com o passar dos anos foram estabelecendo uma certa relação entre si, havia três tipos básicos de espetáculo:

A FAVOLA PASTORALE (Fábula Pastoral)

Era um poema lírico, dialogado, sempre de tema pastoral, com intrigas amorosas muito simples entre pastores e divindades campestres da mitologia grega, como ninfas e náiades. Es-



Figurinos de Bernardo Buontalenti para o coro de um dos seis intermédios apresentados durante o casamento de Ferdinando de' Medici e Cristina di Lorena em 1589.

TUDO COMEÇOU EM FLORENÇA

sempre muito luxuosos, com complexa maquinaria de palco, efeitos especiais e usando orquestra e coro enormes para os padrões da época.

Apreciadíssimos pela nobreza florentina, a partir de certo momento passaram a ser obrigatórios, e contavam, para sua composição, com os melhores músicos e poetas da ocasião. Como as peças de teatro de prosa tinham invariavelmente cinco atos, o número de intermédios apresentados era sempre seis, pois, além dos intervalos, eram apresentados também, antes do começo e depois do fim da peça.

A COMÉDIA MADRIGALESCA

Este tipo de espetáculo musical consistia na dramatização de madrigais, que eram composições vocais para várias vozes, ditas polifônicas (do grego *poli*=muitos e *fono*=voz). Enquanto os cantores e os músicos ficavam escondidos atrás do palco, os atores procuravam interpretar aquilo que o texto do madrigal dizia através do uso de dança e de mimica.

O madrigal era uma das formas de música vocal mais apreciadas nessa época. Embora concebido para várias vozes, temos notícias de apresentações de madrigais com um só cantor, com a substituição das outras vozes por instrumentos musicais, denunciando a antiga paixão que os italianos sempre tiveram pelas vozes individuais.

Como se pode ver, todos os ingredientes para a invenção da ópera já se encontravam prontos e disponíveis em Florença. Falta quem preparasse a receita e a experimentasse até encontrar o ponto certo. E isso aconteceu, através de um processo lento e gradativo, por obra e graça do círculo de músicos, poetas e pesquisadores que passou à história com o nome de Camerata Florentina.

Do livro "A Invenção da Ópera ou A História de um Engano Florentino", por Sergio Casoy, Algor Editora, MMVII, São Paulo, pag. 65 em diante.



GANHE O LIVRO
respondendo à pesquisa
da pág. 10, nesta edição.